

TAGUATINGA

Hospital ganha 60 leitos e vai atender melhor

"Com 60 novos leitos nas áreas de obstetrícia, cirurgia e ginecologia, o Hospital Regional de Taguatinga pretende diminuir sua deficiência e continuar prestando assistência médica e ambulatorial aos aproximadamente mil doentes que o procuram por dia, com maior agilização". A informação é do médico José Nogueira Tapety Júnior, diretor do Hospital.

O grande problema do HRT reside no fato de ter sido projetado para uma população - à época da construção - estimada em 200 mil habitantes. Atualmente, devido ao crescimento de Taguatinga e ao aparecimento da Ceilândia e de conjuntos habitacionais na periferia das duas cidades-satélites, acentua-se uma deficiência no atendimento, que somente poderá ser solucionada com a construção do Hospital da Ceilândia, já anunciada pelo Secretário da Saúde, Jofran Frejat.

NOVA IMAGEM

Segundo Tapety, "a primeira preocupação foi de possibilitar, dentro das deficiências encontradas, quando assumi a direção do HRT, um melhor atendimento às pessoas que diariamente vão ao hospital para se tratar. E, se não forem atendidas de forma conveniente, elas saem, com toda razão, falando do mau atendimento".

"Dessa época até hoje", diz o médico, "conseguimos modificar, melhorar e agilizar muitas coisas que vieram facilitar o relacionamento de médicos e pacientes. Uma unidade de terapia intensiva foi recentemente montada e estamos aptos, nessa UTI, a atender casos que anteriormente eram encaminhados ao Hospital de Base, ou que, pela sua urgência, ficavam sob nossos cuidados, sem a necessária assistência que o caso requeria. Outras vezes o doente - em casos de acidentes com veículos - não suportaria uma viagem de ambulância até o Plano Piloto, mas nunca deixamos de prestar assistência, embora carente".

"Na UTI", prossegue ele, "estamos atualmente com cinco leitos, e, dentro de poucos dias, aumentaremos este número para 12, sendo quatro para pediatria, seis para adultos e dois de isolamento. Nestes, ficam os casos suspeitos, sem ser preciso isolar toda a unidade".

DEMORA

Mateus de Souza Cardoso, morador na QNN 3, Conjunto "G", Casa 15, diz que diversas vezes precisou do hospital e foi atendido. "O problema é a demora, a qualquer hora que se chega, de dia ou de madrugada, existe uma fila enorme e as pessoas que não têm paciência começam a reclamar. Alguns dão bronca nas enfermeiras, recebem uma resposta atravessada e a situação descamba para discussões. Mas, no final, tudo sai bem e o doente é atendido".

VENTILAÇÃO

Maria Deusimar Nunes, moradora na QNN 18, Conjunto "B", Casa 24, estava ontem, na fila, com uma criança no colo, aguardando atendimento ainda do lado de fora do balcão de entrada do Pronto Socorro e reclamou do problema de ventilação dentro do hospital. Segundo ela, "a construção foi mal planejada, o arquiteto se esqueceu de que hospital é lugar de doentes e que precisa de bastante ventilação. Na pediatria, não há ventilação de espécie alguma. Os médicos não são culpados disso, mas nós também não somos, há necessidade de se tomar uma providência, pode acontecer que uma criança com algum mal contagioso transmita a outras sua enfermidade".

A explicação de Tapety é de que "pode realmente acontecer essa contaminação, embora ache muito difícil, pois, quando o médico constata qualquer caso que mereça isolamento, imediatamente o lençol da cama daquela criança é trocado e todos os que entraram em contato com ela, na pediatria, recebem cuidados, porque também têm família e filhos e não irão levar para seus lares contágio hospitalar.

"Mas já estamos tratando desse problema, desde o momento que ampliamos a enfermaria com 60 novos leitos, começamos a desobstruir os corredores do hospital, onde ficavam doentes nas macas, espalhados pelo chão, por falta de local onde alojá-los. Com essa desobstrução, melhorou bastante a ventilação no local. Hoje, a pessoa entra e respira, antes, era meio difícil. Independente dessa medida, estamos providenciando a instalação de ar condicionado para o pronto socorro e demais serviços complementares, como Raio X, banco de sangue, laboratório clínico e anatomia patológica".

Creuza Silvestre, moradora na QNP 26, Conjunto "A", Casa 12, conta que "todas as vezes que vim buscar socorro no HRT fui bem atendida. Numa noite, cheguei ao Pronto Socorro, fui encaminhada ao Raio X, fiz exames de urina, de sangue e levei para casa remédios da Ceme. O mesmo aconteceu com minha filha, que estava em adiantado estado de gravidez e por duas vezes sentiu - se mal à noite. Veio, foi atendida com presteza e no dia do parto, não teve maiores preocupações. Se a gente for fazer exame fora, além de ser caro, ainda demora uns dias para receber. Há muita gente que reclama do INPS e dos hospitais, simplesmente por não conseguirem ser atendidas na hora que chegam, da maneira como querem. Há necessidade de uma espera, mas o atendimento não deixa de sair".

Quanto ao banco de sangue, explica Tapety, "recentemente, tivemos um caso que foi até parar nos jornais, com referência a uma paciente que estava com operação marcada, faltando apenas o sangue necessário. O HRT forneceu vários endereços de doadores e a paciente conseguiu a quantidade necessária de sangue, que ficou guardado no banco. Poucos dias antes da operação, deu entrada no HRT, um paciente em precárias condições, precisando com urgência do sangue tipo "O" positivo e o único que tínhamos em estoque pertencia a essa paciente. O que fazer? Deixar o novo doente morrer e guardar o sangue estocado? Não tivemos dúvidas e, no dia seguinte, a paciente saiu gritando pelos jornais que não poderia ser operada, por termos "sumido" com o seu sangue. Dá para entender?" pergunta Nogueira Tapety.